



GENUIN
classics

From Home with Love

Obras de compositores do Brasil, Eslovénia e Alemanha

Katja Zakotnik, Violoncelo
Naila Alvarenga-Lahmann, Piano

pátria · x = saudade *liberdade*

Uma fórmula metafísica para o sentimento de pátria seria talvez a seguinte: pátria multiplicado com “x” faz saudade elevado à liberdade.

O “x” poderia representar então o número de pátrias pessoais. Por outro lado, a saudade da pátria constitui a base da potência, quer dizer, um sentimento omnipresente de ansiedade profunda desses lugares. O expoente liberdade faz com que o tudo receba uma força atrativa de estar livre e amar mais de que uma cultura.

Mas será que esteja realmente tão simples descrever a saudade de um lugar? E será que essa saudade se multiplicar quanto mais pátrias uma pessoa tem?

Sobretudo na música, conhecemos o percorrer dos tons e a chegada numa harmonia que se revela uma nova pátria. Até a recapitulação não é ligada ao mesmo sentimento apesar de voltar ao tom original quer dizer à terra natal.

Muitas vezes, os músicos emigram ou estão, pelo menos, em contato intenso com diferentes culturas. Geralmente, a própria música parece ser a pátria ou, pelo menos, uma âncora, com o qual pode-se exprimir a saudade.

O compositor brasileiro **Heitor Villa-Lobos** (1887–1959) foi fortemente influenciado pelas duas estadias em Paris durante os anos 1923/24 e 1927 até 1930 que funcionou como acelerador da sua carreira. Às vezes, aproveitava mesmo da sua pátria brasileira como abre-portas contando histórias arrepiantes da selva brasileira. Gostava muito de contar da sua libertação dos canibais. Só escapava da panela dos canibais porque tocava uma suíte de Johann Sebastian Bach no violoncelo. Exatamente por causa desses contos-da-carochinha foi convidado nos salões parisienses.

Uma das suas primeiras obras, o *Prelúdio op. 20, nº 2* é relativamente desconhecido e foi composto antes dessa época. Para conhecedores da música de Heitor Villa-Lobos, essa obra parece estranhamente romântica e se refere claramente a Brahms. Ambas as composições *O Canto do Cisne Negro* e *Aria* (cantilena das *Bachianas Brasileiras nº 5*) fazem parte do repertório padrão do violoncelista.

A jovem compositora eslovena **Urška Orešič Šantavec** (*1981) inspirara-se em tesouros brilhantes da selva - ou seja nas gotas em grandes folhas da árvore - para escrever as cinco miniaturas portando o título *Little Diamonds*. Deixou a sua terra natal duas vezes por causa de bolsas na Áustria e nos Países Baixos, mas sempre permanecera fiel à Eslovênia. Aí, é considerada muito como compositora de música contemporânea. É parente da violoncelista Katja Zakotnik em segundo grau. *Little Diamonds* é uma obra encomendada por Katja Zakotnik e Naila Alvarenga no “ano da pandemia” de 2020.

Mais um compositor que permanecera sempre fiel à sua pátria é o brasileiro **André Mehmari** (*1977). Provavelmente tenha a ver com o fato de ele se sentir “em casa” em todos os estilos de música: é considerado o compositor mais original da sua época. Como pianista, André Mehmari costuma ser um hóspede estimado nos festivais de Jazz os mais conhecidos, simultaneamente tornou-se compositor residente da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. É assim que nasceu também a famosa obra *Cidade do Sol*, uma obra encomendada pela Deutsche Welle, da sua pena.

A *Suíte Brasileira* é uma declaração de amor a sua pátria, que sabe muito bem festejar e dançar mesmo em tempos difíceis. Ao prelúdio segue-se um choro tipicamente brasileiro. Em seguida, André Mehmari usa três danças brasileiras: o *frevo* (com movimentos rápidos em um agachamento profundo e o guarda-chuva obrigatório na mão), a *valsa* e um *baião* (muito rítmico).

Tais como outras tradições musicais, também a música brasileira tem um lado feminino muitas vezes esquecido. Até porque foi a compositora **Chiquinha Gonzaga** (1847–1935) que rompeu com as regras sociais de uma maneira inconventional e escreveu cerca de 2000 composições individuais, entre outros, a famosa marcha carnavalesca *Abre Alas*, muito conhecido entre os brasileiros até hoje e com o qual nasceu a Samba.

Não apenas nas ruas dava para ouvir assobiar as suas canções. A primeira-dama Nair de Teffé abriu as portas do palácio presidencial para Chiquinha Gonzaga e a sua música - causou um escândalo e ao mesmo tempo fez a sua estreia: a canção *Gaúcho*, mais tarde *Corta jaca*, é um tango brasileiro cujo texto cheio de alusões eróticas pode provocar indignação: “Sou a jaca saborosa que amorosa / Faca está a reclamar!” é um exemplo perfeito para tal fato.

Porém, Chiquinha Gonzaga não fazia compromissos, nem na música, nem na sua vida. Engajava-se de forma política, lutava pela República e contra a escravidão. É vista como uma das co-fundadores dos direitos de autor brasileiros. Aos 52 anos (após o casamento cedo com um colérico e muitos casos amorosos) finalmente encontrou o amor da sua vida: um homem de 16 anos. Ficavam juntos até a sua morte: 35 anos.

Mas não apenas o amor da pátria pode ter grande influência à obra de compositores, mas também o amor de uma outra pessoa. Assim aconteceu também com **Blaž Pucihar** (*1977). O fato de ele escrever um número considerável de composições para flauta transversal, provavelmente tenha a ver com o fato de a sua esposa Ana Kavčič Pucihar ser uma flautista bem conhecida. Mas mesmo assim, os violoncelistas estão felizes por Blaž Pucihar ter composto uma pequena sonata para violoncelo que, durante os últimos anos, se tornou cada vez mais popular ao nível internacional. A sua *Summer Sonata* pode ser considerada como tipicamente eslovena: ao lado bom dos Alpes, a vida é considerada mais leve e prevalece um certo espírito esportivo. É muito fácil para os eslovenos trocar a prancha com os esquis no inverno, montam inúmeros picos de montanhas e vivem em conjunto com a natureza. Não tem como melhor descrever o estilo da *Sonata de verão*.

Johannes Brahms (1833–1897) é visto como o compositor “o mais alemão” - seja o que for “o alemão”. Como todos os músicos, ele também estava com o ouvido aguçado em todos os lugares e adaptava aquilo a sua música do que gostava. Até por que as suas *Danças Húngaras* se tornaram provavelmente a sua obra mais popular. Em suas obras, encontram-se muitas vezes ecos da melancolia eslava, como as conhecemos de Tchaikovsky ou Dvořák.

Para Katja Zakotnik e Naila Alvarenga, a sua *Sonata em mi menor op. 38* é a prova de que a própria música pode se tornar a pátria. A música de Brahms é a pátria que une ambas as músicas e pela qual ambas são igualmente apaixonadas. Juntas constataram que é a saudade de um outro lugar ressoando nas obras de Brahms, a saudade de pessoas de que se sente falta.

Junta-se um certo aspeto grave (uma “gravidez alemã”?) que deve ser aprendido. A criação musical cuidadosa era de enorme importância, porque Brahms era um revisor muito meticoloso - as instruções nas notas não podem ser comparadas com a despreocupação de composições modernas brasileiras ou eslovenas. Ainda por cima, as obras de Johannes Brahms precisam de muito tempo para amadurecer completamente.

De tal ponto de vista, essa sonata é a personificação da procura musical de muitos anos para uma pátria para o duo de Katja Zakotnik e Naila Alvarenga. Após mais de doze anos de cooperação, decidiram de publicar o que haviam encontrado.